

A HISTÓRIA DE EDIVALDO

Homem que ameaçou pular da galeria do Senado chega em casa só com R\$ 50 e jura que foi mantido em cárcere privado por seguranças

Vossa Excelência de volta

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Edivaldo Lima de Araújo, o desempregado que na terça-feira foi honrosamente chamado de *Vossa Excelência* no plenário do Senado Federal, reapareceu. Depois de causar a maior confusão na Casa, gritar, berrar que a mulher e os quatro filhos sentiam fome, que há dois anos não conseguia emprego, chorar miséria, mostrar a cara ao Brasil, interromper uma sessão, deixar perplexos senadores, ameaçar se jogar da galeria, embolsar R\$ 300 graças à generosa *vaquinha* dos parlamentares compadecidos e sumir no mapa, voltou. Sim, ele voltou.

Chegou em casa, na Cidade Ocidental, município do Entorno distante 45 km de Brasília, à 1h45 da madrugada. Quarenta e duas horas depois de ter saído do barraco de cimento bruto com a missão de fazer com que “os políticos e o Brasil ouvissem sua história”, o baiano de 35 anos deu o ar da graça.

E protagoniza, agora, uma nova história. Mais uma. Ei-la. Ao sair do Senado, foi levado até a Rodoviária do Plano Piloto por dois seguranças. Eram 17h30 da terça-feira. Lá, enquanto esperava o ônibus que o conduziria até a Cidade Ocidental, apareceu uma Blazer preta. Dela, desceram dois outros seguranças, de terno e gravata. “Um negro, de cabelos raspados, e outro branco, de olhos azuis.”

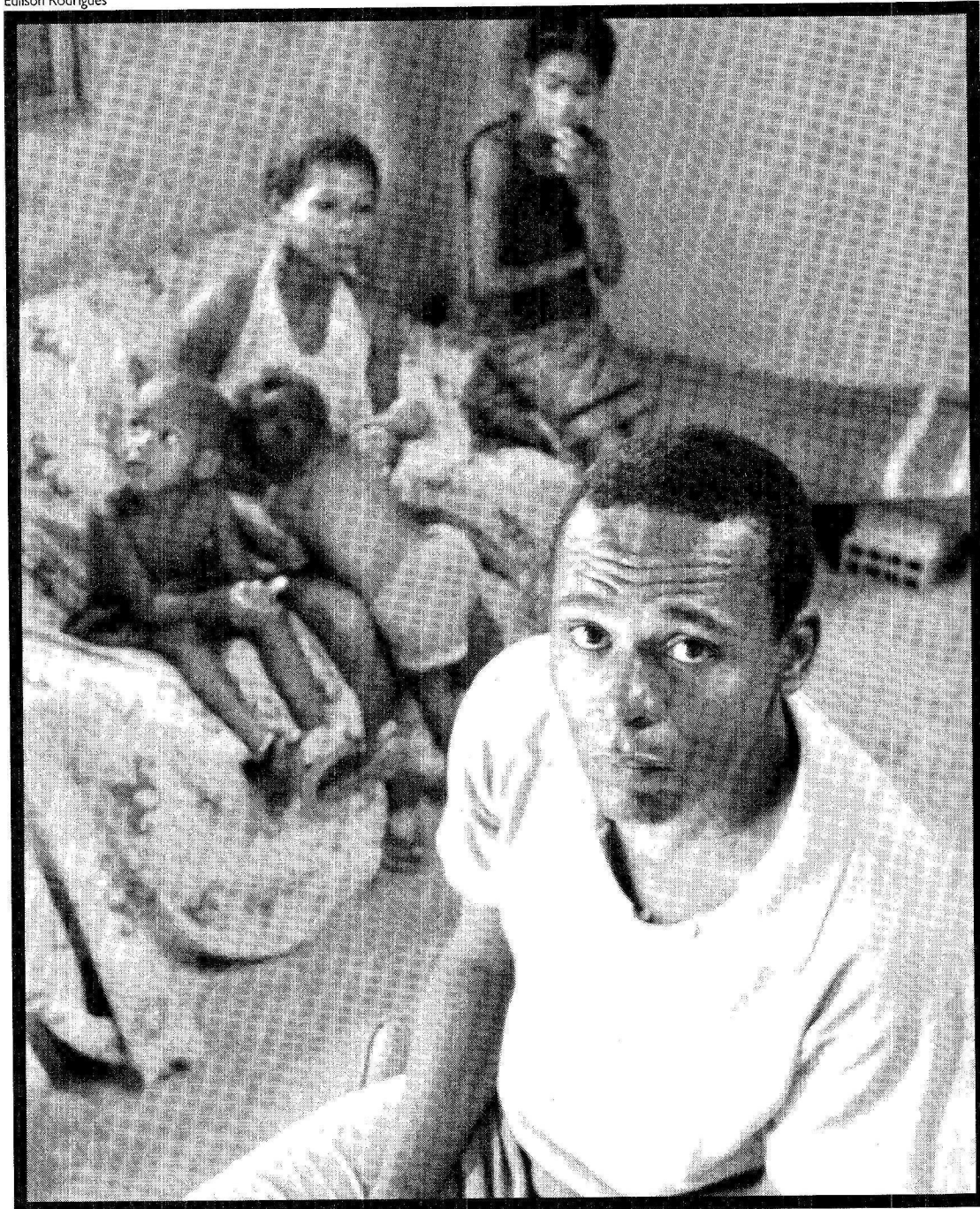
Os tais dois homens teriam pedido para que ele os acompanhasse até o carro. “Tinha um cara que não desceu do carro. Era o motorista. Entrei e eles disseram que precisavam falar comigo.”

A Blazer, ainda segundo Edivaldo, seguiu no sentido da Estrutural. Lá, mandaram-no que abaixasse a cabeça. “Não vi o trajeto que tomaram. Andamos mais ou menos uns 20 minutos, até chegar a uma *casona*. Disseram que estavam fazendo aquilo pra que eu ficasse longe da imprensa. Eu tinha falado demais e comprometido a reputação dos senadores”, conta.

Na tal casa, Edivaldo passou a noite, à madrugada, o dia inteiro da quarta-feira e só foi embora à meia-noite. “Pensei que fossem me matar. Eles me torturaram. Até me queimaram com ponta de cigarro (mostra duas pequenas marcas de queimadura nas pernas). Disseram que se contasse isso, sabiam onde minha família mora e que o negócio podia ficar preto pra mim.”

Edivaldo contou ainda que foi deixado pelos mesmos seguranças — o homem negro de cabelos raspados e o branco de olhos azuis — num ponto de ônibus do Núcleo Bandeirante. “Era mais de meia-noite. Cheguei em casa quase duas horas da manhã.” E dispara: “Ainda tomaram meu dinheiro. Só fiquei com R\$ 50”.

Edilson Rodrigues



EDIVALDO DIZ QUE É UM CARA INSTRUÍDO E PROMETE PROCURAR UM ADVOGADO: “QUERO SABER OS MEUS DIREITOS”

Durante as horas em que teria ficado em “cárcere privado” — palavras dele — Edivaldo comeu arroz, feijão e bife. Dormiu no chão. Perguntado por que, depois de solto, não foi à delegacia, respondeu: “Não tenho precisão de mentir. Não denunciei por medo. A corda sempre quebra no lado do mais fraco”.

Agaciel da Silva Maia, diretor-geral do Senado, disse ontem ao *Correio* que a história contada por Edivaldo não é verdadeira. “A ordem expressa do presidente da Casa, senador José Sarney, era para que ninguém o tocasse. Nenhum segurança seria maluco de fazer alguma coisa contra esse rapaz. Ele foi tratado como autoridade, com respeito. Foi liberado sem ocorrência policial.” E continua: “Na segurança do Senado não existe Blazer preta. Esses carros são da Polícia Federal”.

“
NA SEGURANÇA DO SENADO NÃO EXISTE BLAZER PRETA
”

Agaciel da Silva Maia,
diretor-geral do Senado

Gugu e Ratinho

Engana-se quem acha que Edivaldo sossegou: “Sou um cara instruído, apesar de não ter muito estudo. Vou procurar um advogado e saber os meus direitos e as consequências do que fizem comigo”.

Na manhã de ontem, com os R\$ 50 que levou para casa, Edivaldo foi à feira. Comprou arroz, feijão, peixe, banana e maracujá. Os filhos almoçaram. Não houve fome naquela casa miserável.

Ele acalentava o plano de contar sua história aos políticos há muito tempo. “Fiz isso pelos meus filhos. Não agüentava mais ver eles (sic) passando fome.” Com a passagem só de ida e mil idéias na cabeça, Edivaldo saiu da Cidade Ocidental e chegou à Câmara Federal. “Fui atrás de três deputados baianos. Mas a assessoria deles não me

deixou entrar. Depois, fiquei ali, andando, procurando uma chance. Aí, uma moça que passava me aconselhou a ir ao Senado.”

Às 15h30, Edivaldo chegou ao plenário. Sentou-se e ouviu o que os senadores diziam. “Em milésimos de segundos, me deu vontade de ir ao parapeito da galeria e gritar. Acho que foi desespero”, explica.

Pela vizinhança circula o boato de que Edivaldo teria uma amante. Fato que ele não nega. E que o sumiço de 42 horas longe de casa poderia ter alguma relação com o caso extraconjugal. “Não sou moleque. Não fui à casa dela. Não estava com ela”, jura.

O baiano desempregado que sacudiu a galeria do Senado está decidido: “Vou atrás do Gugu e do Ratinho. O que não posso é ver meus filhos passarem fome”. E a resposta para a pergunta que todos gostariam de fazer: “Se eu vou voltar ao Senado? Tô pensando. Preciso me explicar diante dos senadores. O senador Sarney me prometeu um emprego”. Quem viver, verá.

COLABOROU RENATO ALVES